

BAIRROS NEGROS: FORMAS DE MORAR, FORMAS DE ALUGAR

Black neighborhoods: ways of dwelling, ways of renting

Tiago Souza de Jesus
Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

Henrique Cunha Junior
Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

Informações do artigo

Recebido em 30/10/2023

Aceito em 22/11/2023

doi>: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2023.n259.p366-397>

Copyright (c) 2023 Tiago S. de Jesus e Henrique Cunha Junior



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Você é livre para:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato.

Adaptar — remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

Como ser citado (modelo ABNT)

JESUS, Tiago Souza de; CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros: formas de morar, formas de alugar. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 48, n. 259, p. 366-397, maio/ago., 2023. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2023.n259.p366-397>

Resumo

Este texto é um fragmento de uma dissertação de mestrado defendida em 2023 no Programa de Pós-graduação em Educação. Envereda pelos caminhos da afrodescendência, do patrimônio cultural negro, das formas de morar e de alugar moradias na Comunidade Rosalina, um bairro negro que surgiu no início da década de 1990, no bairro Parque dois irmãos, na cidade de Fortaleza-CE. O "fenômeno" de seu surgimento pode ser explicado pelo *déficit* imobiliário causado pela especulação ao longo da citada década. As políticas capitalistas e racistas deste período sublinham às populações negras da cidade de Fortaleza a ocupação de terrenos como única possibilidade de conquista da moradia. Neste sentido, ocupa-se um território que nele será impresso uma forma de morar. Para esta população, a moradia é mais que um lugar em que a vida privada acontece, é um patrimônio. O patrimônio cultural negro abrange aspectos materiais e imateriais que são carregados de valores atribuídos pela própria população afrodescendente à sua memória, história e cultura. O objetivo foi compreender a forma de alugar e a forma de morar existente no bairro, destacando elementos da história e da cultura negra, as formas de vida, organização e sociabilidades no cotidiano. Como resultado, fica evidente as dinâmicas sociais e experiências cotidianas dentro de um contexto marcado pelo racismo antinegro e pela segregação espacial e social e que as formas de morar e de alugar na Rosalina apresentam aspectos que tornam a experiência afrodescendente específica, de modo que o morar e o alugar é um ato coletivo.

Palavras-chave: Bairros negros. Diáspora interna permanente. Forma Urbana Negra. Afrodescendência. Forma de morar.

Abstract

This text is an excerpt from a master's thesis defended in 2023 in the Postgraduate Program in Education. It delves into the paths of African descent, black cultural heritage, ways of dwelling, and renting accommodations in Rosalina Community, a black neighborhood that emerged in the early 1990s in the Parque Dois Irmãos neighborhood, in the city of Fortaleza, CE. The "phenomenon" of its emergence can be explained by the housing deficit caused by speculation throughout that decade. The capitalist and racist policies of this period underline to the black populations of the city of Fortaleza the occupation of land as the only possibility to achieve housing. In this sense, a territory is occupied where a way of dwelling will be imprinted. For this population, housing is more than just a place where private life happens; it is a heritage. Black cultural heritage encompasses material and immaterial aspects that are laden with values attributed by the Afro-descendant population to their memory, history, and culture. The objective was to understand the way of renting and the way of dwelling existing in the neighborhood, highlighting elements of black history and culture, ways of life, organization, and sociabilities in everyday life. As a result, it is evident that the social dynamics and everyday experiences within a context marked by anti-black racism and spatial and social segregation, and that the ways of dwelling and renting in Rosalina present aspects that make the Afro-descendant experience specific, so that dwelling and renting is a collective act.

Keywords: Black neighborhoods. Permanent internal diaspora. Black Urban Form. African descent. Way of dwelling.

APRESENTAÇÃO

As formas de vida da população negra podem explicar parte considerável do desenvolvimento da história do Brasil. Manoel Querino diz que o Brasil foi colonizado por africanos (Querino, 1918). A base de pessoas que ocuparam o país ao longo dos quase 400 anos é africana. Essa, é decorrente das muitas etnias vindas contra sua vontade para a América. E, ao chegarem aqui, territorializam sua cultura, suas formas de vida, sua arquitetura, sua produção do espaço. Para o historiador Luiz Felipe de Alencastro, neste período, o Brasil está desterritorializado (Alencastro, 2000).

O objetivo deste trabalho é discutir as condições de vida da população afrodescendente da comunidade Rosalina, especificamente as formas de alugar e as formas de ocupar. Utilizou-se uma análise histórica do desenvolvimento da cidade de Fortaleza para compreensão do surgimento da comunidade Rosalina. Por fim, buscou-se compreender a dinâmica social das formas de alugar e das formas de morar da Comunidade. Para isso, foi necessário a realização de pesquisa de campo e entrevista com moradores, além da movimentação de conhecimentos prévios de um dos autores que é morador da Comunidade. Com isso, juntam-se narrativas, desafios, sonhos, contradições e estratégias de vida que explicam a dinâmica social negro brasileira da comunidade Rosalina.

A Rosalina é um bairro negro (Jesus, 2023) localizado na Regional VIII da cidade de Fortaleza. A cidade de Fortaleza é dividida em secretarias regionais (SER) e atualmente conta com 12 SER. Geograficamente, a Regional 8 localiza-se no centro geográfico da cidade, próximo a bairros históricos como Parangaba e o bairro Castelão, este último onde se localiza o Estádio de mesmo nome conhecido nacionalmente. A Rosalina tem seu surgimento por volta do ano de 1992, e sua primeira expansão territorial após um processo de ocupação realizado por moradores sem terra organizados e liderados pela figura de Carlão. O terreno vazio era de domínio do poder público. Foram-se construindo coletivamente moradias para a população desabrigada que, em sua maioria, eram de origem da Serrinha, um bairro próximo à Rosalina.

Como abordagem metodológica, utilizou-se a metodologia afrodescendente de pesquisa com abordagem qualitativa e a técnica de Percursos Urbanos como estratégia de

apreensão da realidade vivida pelos moradores da comunidade. Essa metodologia coloca o pesquisador diante do que o constitui enquanto afrodescendente. Neste sentido, o pesquisador não atua em um campo desconhecido, dotado da cultura do “outro”, mas sim a partir *de* e *com* o que já conhece e que o conecta com a história e a cultura da comunidade que investiga.

Para entender como a história da Comunidade Rosalina se interliga com outras comunidades da cidade de Fortaleza que surgiram no processo de expansão urbana e higienização social acontecido a partir da década de 1970, com a desapropriação da população afrodescendentes e indígenas, majoritariamente pescadores, habitantes das orlas marítimas e dos centros urbanos da cidade de Fortaleza, desde a primeira metade do século XX, busca-se realizar um resgate histórico do processo de expansão da cidade de Fortaleza.

Inicialmente será realizado um resgate histórico para que, no momento seguinte, possa se deter especificamente à formação histórica da Rosalina. A Comunidade Rosalina é um bairro negro da cidade de Fortaleza (Jesus, 2023). Na perspectiva de Henrique Cunha (2007, p. 71), bairros negros são

espaços urbanos em que encontramos outros grupos sociais de origens históricas e culturais diversas, mas que encontra-se a população afrodescendente como maioria, sendo esta a que determina a dinâmica cultural e social desses territórios.

Entendemos que a cultura do bairro negro constitui-se por “reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem” (Cunha Jr., 2001, p. 12). A comunidade Rosalina, compõe parte do conjunto da história no que diz respeito ao processo de desenvolvimento da vida dos afrodescendentes nas cidades urbanas brasileiras. Estudar os processos de ocupação e as moradias de aluguel da comunidade Rosalina é, portanto, estudar o longo processo de lutas por condições dignas de moradia da população afrodescendente neste país. A moradia é mais que um espaço físico, é a possibilidade de o afrodescendente da Rosalina acessar os “meios de vida, à água, a toda infraestrutura, à educação, à saúde” (Rolnik, 2011, p. 38).

A METODOLOGIA DE PESQUISA AFRODESCENDENTE

Utilizamos nessa pesquisa, a metodologia de afrodescendente, que é uma forma de pesquisa participante e que pede que o pesquisador tenha uma vivência no tema pesquisado,

além da pesquisa acadêmica. Nessa metodologia de pesquisa os pesquisadores são pessoas que viveram a realidade do lugar em tempos anterior ao da pesquisa e tem um nível de informação sobre as problemáticas do território pesquisado pela experiência de vida ou por opções políticos culturais (Cunha Jr., 2023), (Queiroz; Cunha Jr., 2022), (Souza; Cunha Jr., 2011), (Videira, 2002).

São pesquisadores como nome Narcimária Luz, de dentro da porteira em oposição aos de fora da porteira, àqueles que chegam a localidade para fazer a pesquisa e precisam de uma forma metodológica diferenciada para compreender o lugar e se informarem quem é quem, o que é o que (Luz, 2000). A pesquisadora Narcimária Luz (Luz, 2013) estava se referindo aos pesquisadores sobre os terreiros de candomblé e sobre as religiões de matriz africana. Os pesquisadores que eram filhos de Santo, ou seja, membros integrantes do candomblé, eram de dentro da porteira, não precisava explicar a eles o que era e como era o candomblé. Já os de fora da porteira passavam um letramento sobre o terreiro e sobre o candomblé, antes de poderem aprofundar no tema de pesquisa.

A metodologia afrodescendente de pesquisa estende essa conceituação aos pesquisadores sobre os bairros negros, eles são pessoas que viveram a realidade. São pesquisadores de dentro da porteira dispensam o letramento de aproximação aos temas das realidades existentes nessas localidades. Contudo, mesmo sendo de dentro não conhecem tudo, mas detém trajetórias e informações facilitadoras do aprofundamento do conhecimento sobre a realidade específica. Na metodologia afrodescendente a relação é entre o sujeito da pesquisa e o sujeito pesquisador. Relação dinâmica entre sujeito-sujeito e não a de objeto-sujeito (Queiroz, 2023).

Trata-se de uma metodologia dentro das referências de pesquisa participante. Existe uma ruptura com relação às metodologias cartesianas de pesquisas que utilizam a relação objeto de pesquisa e pesquisador distanciado do objeto. Existe uma abordagem que parte da existência do racismo como estrutural a realidade brasileira, como sistema de controle social, como diferenciador das histórias das populações negras e brancas na formação histórica brasileira. A nossa contradição fundamental inicial na sociedade brasileira é entre escravizados e escravizadores seguindo a formulação elaborada por Clóvis Moura (2014).

Na condução deste estudo, adotou-se a abordagem qualitativa como metodologia, visando apreender de maneira aprofundada o cotidiano dos moradores da comunidade. Esta escolha estratégica visa a mensuração e delineamento das dimensões das relações

sociais experimentadas nesse contexto específico. A estratégia de coleta de dados empregada baseou-se nos percursos urbanos, conforme preconizado por Silva e Cunha Jr. (2019). Tal abordagem propõe um diálogo efetivo com os moradores, aprofundando-se de maneira intrínseca em um cotidiano que é compartilhado pelo próprio pesquisador, permitindo a condução de uma pesquisa que se desenvolve de forma concomitante à experiência vivida no *dia-a-dia*.

Ao atuar nos bairros de maioria negra, essa metodologia põe o pesquisador no desafio de analisar aspectos da sua própria realidade sem distanciar-se, facultando uma percepção mais direta das dinâmicas sociais. Essa forma de abordagem do cotidiano está intrinsecamente ligada à forma como a realidade se desvela diante do pesquisador. Ao imergir na sua comunidade de estudo, ele mobiliza conhecimentos que auxiliam na compreensão das raízes dos eventos, simultaneamente contribuindo para a produção de conhecimento acerca do que está ocorrendo.

A ROSALINA NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE FORTALEZA/CE

O economista Marco Antonio Croce (2015) diz que a agroexportação foi a síntese do modelo de desenvolvimento econômico do Brasil no período oitocentista. Marca profunda da economia cearense foi a comercialização do algodão e da pecuária. As transações dos produtos exportados estreitaram as relações entre Fortaleza e as elites econômicas das cidades interioranas. Esse fato incidiu diretamente sobre a reorganização espacial da capital cearense no século XIX. O contingente populacional de pretos e pardos, nesse período, é superior ao de pessoas brancas (Sobrinho, 2011, p. 55).

A necessidade de se realizar o escoamento da produção via rotas marítimas impulsiona a construção de um porto na Praia do Peixe¹ em Fortaleza no início do século XX. Então, uma economia fortemente concentrada em cidades do interior passa a ter um movimento de deslocamento em direção à capital. Esse movimento interior-capital feito pela elite econômica marca o início da segregação espacial na cidade de Fortaleza e implica na

¹ Hoje é conhecida como Praia de Iracema.

formação de bairros de maioria de pessoas brancas como Jacarecanga, localizado entre a avenida Francisco Sá e a praia.

Neste mesmo período, surgem áreas de população negra ao longo do Porto e das linhas férreas. Após a instalação de indústrias e ramal ferroviário da empresa federal Rede Viação Cearense nas proximidades do Jacarecanga, surgiram vilas operárias e ocupações na faixa entre a avenida Francisco Sá que naquele momento era a principal avenida de Fortaleza e a região da praia das Ostras. Essas ocupações fizeram surgir bairros de maioria negra e pobre como o Pirambu. Então, neste período de mudanças urbanísticas da capital cearense, foram produzidos dois espaços: enquanto um é bem estruturado quanto aos contornos urbanísticos, o outro é marcadamente de equipamentos urbanos deficientes e provisórios, produzindo a marca do empobrecido das populações que o habitavam.

Nesse contexto histórico, Fortaleza era a cidade economicamente mais importante do Ceará e estava entre as cidades mais importantes do país. A elite cearense inicia seu projeto de impulsionar a cidade de Fortaleza na construção de seus jardins e praças públicas na região do centro comercial, uma reformulação do espaço urbano excluía das ideias urbanísticas a presença dos afrodescendentes e demais grupos economicamente desfavorecidos, que ocuparam grande parte dos postos de trabalho das esparsas fábricas e equipamentos urbanos (Jucá, 2002, p. 76), concentrados em bairros industriais.

Até 1940, o bairro Jacarecanga e o Benfica eram ocupados pela elite econômica vinda do interior cearense que habitava um espaço notadamente marcado por construções inspiradas na arquitetura europeia (Parente, 2012, p. 98). O “Jacarecanga surgiu como bairro industrial na expansão das indústrias na cidade de Fortaleza. Logo em seguida, a elite econômica muda-se para o bairro, habitando-o e passando a ver o bairro Barra do Ceará com área de lazer” (Matias, 2019, p. 43). Nesta mesma década, o bairro Aldeota já demonstrava seu interesse em avançar e se tornar o novo reduto das elites econômicas. Sua arquitetura luxuosa chama atenção da elite que muda-se para o bairro, provocando um deslocamento do fluxo urbano criando mini centros comerciais distante do tradicional centro urbano comercial/industrial. O objetivo era manter grupos populacionais como afrodescendentes e pobres o mais distante possível dos luxuosos bairros de elite.

Com isso, essas populações excluídas do desenho urbanístico já se encontravam à margem dos investimentos públicos que atendiam as áreas de interesse do capital econômico. Esse movimento provocou uma expansão geográfica da cidade, e “na medida em

que aumentava o número de casebres em áreas denominadas marginais, mais crescia a preocupação em afastar a pobreza dos espaços valorizados na cidade” (Jucá, 2002, p. 78).

É no final da década de 1960 que surgem os primeiros bairros planejados pelo poder público com intenções de dinamizar o espaço de habitação das populações menos favorecidas. Como solução, as avenidas Leste e Oeste e ampliação da Avenida Francisco Sá dão vazão para o surgimento na década de 1970 aos bairros Conjunto Palmeiras e José Walter (Matias, 2019), com diferenças estruturais entre ambos quanto aos equipamentos urbanos e estrutura física. Enquanto no primeiro inexistia saneamento básico, fornecimento de água, luz e equipamentos de saúde, o segundo surge com estrutura para fornecimento de água, energia elétrica e equipamentos de saúde e abrigava uma população com maior poder aquisitivo em relação aos primeiros moradores do bairro Conjunto Palmeiras. O bairro José Walter surge como proposta de abrigo para funcionários públicos e profissionais empregados no setor privado, enquanto que o bairro Conjunto Palmeiras busca atender a demanda de uma população desabrigada, de maioria de negros e pobres desempregados (Matias, 2019).

Da década de 1970 em diante, a lógica do capital quanto a exploração do solo urbano e dos investimentos públicos concentrados em áreas de população de maior poder político e de desconcentração e pouca aplicação nas demais áreas, produziu outros bairros mais distantes das zonas de interesse do capital financeiro, com o mesmo fim de abrigar as populações afrodescendentes e os mais pobres. As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por um grande deslocamento das populações rurais para o meio urbano em todo o território nacional e em particular no estado do Ceará.

Formou-se um desenfreado crescimento urbano, sem nenhum planejamento social e econômico. A política de baixos salários impostos pela ditadura militar implicou em agravar o problema habitacional e da aquisição de lotes para construção ou da casa própria. Uma solução para o crescimento desenfreado, investimento do capital nas zonas de interesse e de grandes grupos econômicos que, por decisão unilateral, desapropriaram os moradores da região da praia, empurrando-os para locais mais distantes do centro urbano.

Essas decisões políticas foram a base para o surgimento de bairros mais longínquos, ocupado em sua maioria por afrodescendentes e pobres. À medida que surgiam esses novos bairros, o centro comercial da cidade de Fortaleza apresentou um déficit populacional de 35% (Uemura *et al*, 2012, p. 06). Esse dado evidencia a reorganização espacial que tem como marca a desapropriação das habitações das populações menos favorecidas localizadas em

regiões que se tornaram de interesse turístico do capital financeiro. Enquanto cresce o número de residências desabitadas em bairros como Benfica e Centro, alguns quilômetros dali, cresce o número de ocupações em terrenos públicos dentro da mesma cidade.

A década de 1970 anuncia mais uma crise do capitalismo que perdura até meados de 1980. Nesse contexto, surge o neoliberalismo como solução política e econômica para o contexto de crise nos governos mundiais, sobretudo o brasileiro que enfrenta estagnação do Produto Interno Bruto e alta da inflação (Ometto *et al*, 1995). No Ceará, durante a década de 1980, ainda no contexto de expansão da capital, o governo do Estado constrói apartamentos para funcionários de empresas bancárias. Porém, os funcionários dos bancos recusam ocupar as moradias pelo fato de ser próximo a aterro sanitário. Esse fato é parte do depoimento de Márcio, um dos moradores que esteve diretamente ligado a construção do Conjunto Jardim União I e entrevistado pela pesquisadora Larisse Barbosa (Barbosa *et al*, 2022):

[...] Foi nessa época também que inventaram o mutirão, no Ministério das Cidades, eu acho, lá em Brasília. O Tasso [Jereissati] como governador sugeriu pra nós, mas nossa proposta era mesmo ficar naquelas casas, as casas [eram] de primeira, excelentes, todas bem acabadas, mas tinham sido feitas pra pessoas que trabalhavam em banco, pois na época tinha muito banco aqui no Ceará. Só que esse pessoal não queria ficar perto da rampa de lixo, pois vinha um mau cheiro e a saúde mesmo proibiu pela proximidade com o lixo, mas a gente queria. As casas já estavam cheias de mato quando a gente chegou (Márcio, 2022, *apud* Barbosa *et al*, 2022).

Contudo, Jereissati afirma que não dá o peixe pescado e que os moradores devem procurar um terreno vazio para que se possa construir suas moradias em regime de mutirão. É nesse contexto que surgem os bairros Jardim União I e II, em regime de mutirão, durante a ampliação das políticas neoliberais e de desresponsabilização do Estado (Miagusko, 2011). O poder público, controlado pelo capitalismo racista atende aos estímulos do capital financeiro.

Na prática, a desigualdade social aumenta, e com o déficit habitacional crescente da década de 1990, os conjuntos habitacionais em regime de mutirão distantes do centro comercial da cidade de Fortaleza recebem dia após dia novos moradores que, sem condições financeiras para pagar aluguel ou adquirir uma moradia, buscam lugares possíveis para autoconstrução de suas moradias, seja em regime de mutirão, seja em regime de ocupação.

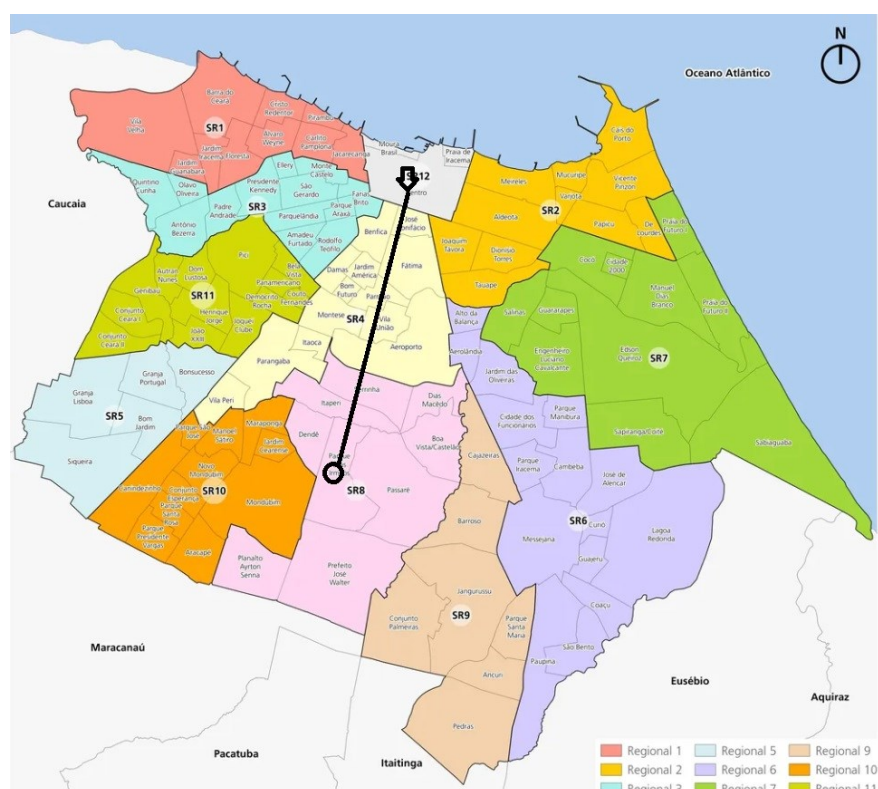
A comunidade Rosalina surgiu no início da década de 1990, no contexto de déficit habitacional, na cidade de Fortaleza. Segundo dados do Instituto Pólis (2009), nesse período, ao passo que os bairros mais próximos do centro comercial perderam cerca de 5,9 mil

moradores entre 1991 e 2000, bairros como Passaré, Canindezinho, Jangurussu, Coaçu, Sabiaguaba, Siqueira, Lagoa Redonda, e Lagoa da Sapiranga apresentam crescimento populacional de 10% no mesmo período. Os números sublinham o déficit habitacional de 77,6 mil moradias do ano 2000 na capital cearense (Polis, 2009, p. 11).

Em 1992 inicia-se a ocupação da então comunidade “sem terra”, no bairro Parque Dois Irmãos e que resultou na atual Rosalina. A comunidade Rosalina é uma consequência histórica de todos os processos arbitrários do poder público no desenvolvimento da cidade de Fortaleza, sobretudo na segunda metade do século XX. Os interesses econômicos das elites cearenses de produção e valorização da economia turística e de lazer nas regiões da praia, atrelada as políticas capitalistas e racistas de higienização social e segregação espacial produz o bairro negro.

O mapa abaixo apresenta a cidade de Fortaleza na sua configuração atual, dividida em 12 Secretarias Executivas Regionais (SER). É possível localizar a distância entre a SER 8, localização da comunidade de Rosalina e a SER 12, onde estão os centros comercial e turístico de praia e de estrutura urbana consolidada.

Figura 1 – Localização da Comunidade Rosalina em relação ao centro comercial e turístico de Fortaleza.



Fonte: Instituto do Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR).

A Rosalina está localizada em uma Regional que conta atualmente com a presença da Universidade Estadual do Ceará, do Aeroporto Internacional Pinto Martins, do Hospital Sarah, da avenida Bernardo Manuel (Antiga avenida Expedicionários), via de acesso aos bairros José Walter e Serrinha, além de está localizada a poucos metros da Têxtil Bezerra de Menezes. Nas proximidades da comunidade é possível encontrar escolas de ensino infantil, fundamental e ensino médio, posto de saúde, supermercados e comércios de pequeno e médio porte.

Em relação ao comércio, a comercialização de produtos básicos para subsistência intensificou-se à medida que surgiram quitandas. As quitandas, de origem do quimbundo *Kitanda*, é uma estrutura comercial de origem africana e consiste na transformação de parte da moradia em comércio. As quitandas da Rosalina geralmente estão localizadas na sala da casa, com uma grade voltada para a rua pública que viabiliza o atendimento aos clientes.

Figura 2 - Comércio localizado na Rua do Matadouro, comunidade Rosalina



Fonte: Arquivo pessoal (jan., 2023).

As quitandas funcionam sob a lógica do bairro, a partir de uma estrutura e atendimento personalizado. Sabe-se que a população local necessita comprar algo em horários alternativos², então, esses comércios funcionam em horários alternativos. As formas de pagamento também ajustam-se à realidade local, sendo o *fiado* uma forma de garantir a

² Horários como após às 23h ou aos domingos à tarde são comuns de encontrar alguma quitanda aberta na Rosalina.

compra sem o pagamento prévio em dinheiro e sem juros. Os clientes compram e a garantia de pagamento futuro é assinada com sua palavra, a partir da credibilidade dentro da comunidade. Além disso, para comprar fiado é necessário ser conhecido ou estar ligado a alguém conhecido pelo comerciante da quitanda (Jesus, 2023).

Na área do lazer, a comunidade recebeu uma unidade do projeto Areninha. O projeto nasce da parceria entre o governo do Estado e as prefeituras locais e consiste na construção de equipamentos públicos em formato de campo de futebol *society* com grama sintética, alambrados e redes. Além disso, a estrutura conta com vestiários, banheiros, pavimentação no entorno e torres de iluminação. A gestão do equipamento público é executada por funcionários contratados pela Prefeitura, geralmente um morador do bairro onde a areninha será instalada. Em 2021, o campo do Palito transforma-se em Areninha do Campo do Palito, formada por uma estrutura em concreto padrão construída dentro da Comunidade. A Areninha como espaço de lazer e sociabilidades viabiliza o comércio e dinamiza a economia local, sobretudo em períodos de eventos futebolísticos.

BAIRRO NEGRO ROSALINA

Bairros negros é um conceito que surge na esteira do pan-africanismo (Cunha Jr., 2023) em que se forjam conceitos que sejam capazes de traduzir a realidade específica das populações negras nas cidades brasileiras. É sob este aspecto que surgem os conceitos de africanidades, afrodescendência, etnia negra e populações negras. Os conceitos buscam traduzir uma realidade e neste caso, a realidade é a dos afrodescendentes.

A terra é um elemento central na vida da população negra e um dos pontos-chave para compreensão do processo de desenvolvimento da história do Brasil. Esse longo processo de perdas e espoliação territorial que se intensificou com o advento da República, Kabengele Munanga diz que "os africanos e seus descendentes se empenharam em buscar territórios próprios" (Munanga, 2012, p. 17). Essa busca foi motivada pela necessidade de encontrar um espaço onde pudessem praticar sua fé e expressar sua cultura. Esses locais são conceituados por Munanga como "territórios étnicos no contexto urbano brasileiro" (Munanga, Op. cit., p. 18). Os lugares de expressão dos cultos aos orixás, deuses e *inkisi*, bem como de expressão da cultura africana, constituem o que o geógrafo Rafael Sanzio descreve como "identidades territorializadas resistentes-sobreviventes" (Anjos, 2014, p. 333).

O Brasil foi colonizado por africanos (Querino, 1918) e as experiências territorializadas são africanas e afrodescendentes. Essas populações ocupam e modificam espaços urbanos e rurais nas cidades brasileiras. Explorando a dimensão social do bairro negro, Muniz Sodré, em seu livro *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*, destaca que o sistema escravista desmantelou muitas das estruturas organizacionais criadas pela população negra no Brasil. Isso levou à criação do que ele denomina de "grupo patrimonial", que permite o estabelecimento de laços de solidariedade dentro desse próprio espaço (Sodré, 2002).

Os bairros negros, portanto, são a forma negra urbana afrodescendente das cidades brasileiras. São representações da configuração urbana que expressa as vivências diárias dessa comunidade. Existe um processo longo de negação de acesso a terra intensificado no período republicano do Brasil marcado pelo processo de "mercantilização da terra como um marco fundiário legal" (Machado, 2023, p. 5) em que a terra ocupa o lugar hipotecário pelo fim do escravismo criminoso (Neto; Silva, 2019).

Quando falamos de território, seguimos a concepção de Milton Santos em seu artigo *O dinheiro e o Território*, na qual ele entende o território como o "lugar onde convergem todas as ações, paixões, poderes, forças e fraquezas, ou seja, onde a história da humanidade se realiza plenamente por meio das manifestações de sua existência" (Santos, 1999, p. 7). Nessa mesma perspectiva, o geógrafo negro Rafael Sanzio define o "território étnico ou da população negra como o espaço construído e materializado com base em referências de identidade e pertencimento territorial, geralmente com uma população de origem comum" (Anjos, 2009, p. 149).

Essa definição vem ao encontro com o pensamento de Cheikh Anta Diop, que argumenta que a identidade cultural de um povo está intrinsecamente ligada a três principais fatores: cultura, psicologia e história (Diop, 1982). A imagem abaixo é um registro do cotidiano atual da comunidade Rosalina. É possível observar crianças brincando nas vias públicas em um dia comum. É possível também observar a estrutura de parte das residências da rua registrada.

Figura 3 - Vista de crianças brincando em vias públicas da comunidade Rosalina.



Fonte: Base de dados Acervo Digital de Fortaleza (2010).

A imagem acima revela parte da vida cotidiana no bairro negro. A rua pública como extensão do espaço privado das moradias. Observa-se na imagem acima a presença de roupas penduradas na rua, crianças no processo de sociabilidades e instrumentos de trabalho, tais como os carrinhos de reciclagem. Mais ao fundo, observa-se pessoas sentadas na porta de suas moradias. Esse retrato da vida reflete aspectos importantes da dinâmica sócio-espacial do bairro negro.

Um dado significativo da dinâmica social da comunidade é a *diáspora interna permanente* em que moradores mudam de moradia dentro da própria comunidade, ao passo que muitos moradores deixam a comunidade e voltam posteriormente, como é o caso do morador-autor do presente artigo. Essa dinâmica remete aos processos de desterritorialização (Alencastro, 2000) durante o período colonial em que a população negra necessita reconstruir seus entre-lugares dentro do mesmo contexto, em um eterno recomeço.

O intelectual antilhano Edouard Glissant, ao introduzir conceitos como *rastro-resíduo* e *totalidade-mundo*, oferece uma visão de identidade que desafia a hegemonia de uma única narrativa histórica. Dentro desse contexto, compreende-se sua ideia de identidade que, em certa medida auxilia na compreensão da evolução da identidade na Rosalina, uma identidade

moldada pela diferença (Glissant, 2005) e pelo limiar de fronteiras que estabelecem relações que se desenrolam constantemente no presente momento da história.

Neste sentido, abordar bairros negros é buscar compreender a longa luta pelo direito à terra no Brasil. A forma urbana negra é delineada pelas várias dimensões da vida cotidiana dos afrodescendentes nesses bairros. As manifestações das identidades negras nos espaços urbanos resultam na criação de territorialidades características da população afrodescendente - os bairros negros. O racismo antinegro, as condições impostas pelo poder público, o capitalismo racista e as relações dentro da comunidade e da comunidade com o seu externo são fatores que produzem espacialidades negras e que delineam o surgimento de bairros negros nas cidades brasileiras.

Os bairros negros são espaços reais, físicos e concretos. Neles residem sonhos, lutas, conquistas, frustrações e afetos. Para Estela Rocha Ramos (2013, p. 195), “a formação de um bairro negro é marcada por um processo histórico das várias expressões de culturas negras que configuram diferentes sociabilidades e espacialidades”. Mas, o que o difere dos bairros onde a maioria da população é branca? Nesses bairros de maioria de população branca o sentimento de comunidade é produzido a partir de um fator: a classe e o capital. O poder econômico é o fator aglutinador e dinamizador das relações sociais em bairros de maioria branca. Isso explica o comportamento de viver dentro dos limites da residência, em privado. Os muros das casas são altos e com sistema de segurança. Esses são aspectos gerais da vida vivida em bairros de maioria branca.

Nos bairros de maioria negra, a associabilidade é um fator aglutinador, o sentimento de comunidade é baseado na ancestralidade, na associação e nas redes de cooperação mútua. As residências são autoconstruídas e atividades cotidianas como sentar-se à porta de casa para tomar café da manhã ou almoçar reflete o desejo de compartilhar a vida com a comunidade. Existe uma linha tênue entre a vida nas vias públicas e a vida privada, pois as vias públicas são extensões da moradia. Gestos como pendurar roupas na porta da moradia e ter a confiança de que elas permanecerão no mesmo lugar até o fim do dia reforçam os laços de convivência estabelecidos entre os moradores da comunidade. São formas urbanas singulares dos bairros habitados pela população negra que a pesquisadora Renata Aquino da Silva chama de afroinscrições (Silva, 2018).

A Rosalina, é pensada como possibilidades sociais, econômicas e culturais, que moldam as vidas e o cotidiano da população residente de bairros negros. Na Comunidade, a

areninha do campo do palito é o único equipamento cultural existente dentro do território. Esse campo, existente desde o nascimento da Comunidade, viabiliza uma série de atividades. Campeonatos de futebol, com premiação aos times vencedores. Durante os campeonatos, as famílias vão assistir, moradores aproveitam o momento para comercializar algum tipo de comida ou bebida. Além dos campeonatos, alguns dias da semana e aos sábados a noite a areninha fica disponível às crianças que desejam jogar. Então, pais e mães levam seus filhos para brincar dentro do campo. É um momento de alegria.

A Rosalina ocupa uma importância no contexto social, econômico e cultural na vida dos moradores. A comunidade exerce uma influência capaz de moldar as vidas e a rotina diária dos moradores do bairro. Na comunidade, destaca-se a areninha do campo do palito como único equipamento cultural disponível no território. Esse campo existe desde o início da comunidade e serve como palco para uma variedade de atividades, incluindo campeonatos de futebol com prêmios para os times vencedores.

Durante esses campeonatos, as famílias se reúnem para assistir aos jogos, e os moradores aproveitam a oportunidade para comercializar alimentos e bebidas. Além dos campeonatos, a areninha também está disponível para as crianças brincarem em alguns dias da semana e aos sábados à noite. Nesses momentos, os pais e mães levam seus filhos para desfrutar do campo, proporcionando momentos de alegria e lazer para a comunidade. Esse espaço cultural é um elemento central na vida e na felicidade da população negra da comunidade Rosalina. A processualidade é marcada pela coletividade.

Todos esses espaços públicos, as ruas, as quitandas, o campo, são locais onde a vida na Rosalina acontece. Pois “a vida se realiza num tempo e espaço coletivo, no qual as pessoas que participam das práticas sociais e culturais vão atribuindo sentidos às dinâmicas que se concretizam em um dado lugar-instante” (Damião, 2007, p. 47). “Pelo modo de morar, de se instalar no espaço, as sociedades - sejam “arcaicas” ou “históricas” - singularizam-se, mostrando, assim, o seu real.” (Sodré, 2002, p. 17.) Seguindo com Sodré, o “real” é “o existente enquanto singular, único, incomparável.” (Sodré, 1988, p. 11) Cada morador confraterniza, cria e dinamiza a cultura no local. Produzem conhecimento e estabelecem formas de sobreviver à realidade imposta por um grupo de pessoas de origens distintas dos moradores da Rosalina.

Figura 4 - Vista da rua Edson Brasil, na Comunidade Rosalina



Fonte: Arquivo pessoal (out., 2022).

Os becos, as ruas e os cantos da Rosalina são transformações urbanas que representam a vida vivida em coletivo na comunidade. Neste sentido, Maria Estela Ramos diz que “a casa e a rua não são opostas e sim, complementares” (Ramos; Cunha Jr., 2007, p. 12) Essa estrutura aproxima-se do que Michelle Sommer (2005) vai chamar de *kraal* africano. O *kraal* é uma estrutura tradicionalmente usada por culturas africanas, essa estrutura delineia-se por um espaço de convivência e colaboração entre os membros da comunidade. O *kraal*, portanto, na realidade africana, traduz formas de vida em comunidade.

A DINÂMICA SOCIAL DAS FORMAS DE MORAR E ALUGAR NA COMUNIDADE ROSALINA

Muniz Sodré em seu livro *O terreiro e a cidade* utiliza o conceito de “forma” como uma categoria essencial para compreender não apenas as estruturas comunicativas, mas também as dinâmicas sociais e culturais. O conceito de “forma” em Muniz Sodré vai além da simples estrutura física ou organização visível de um objeto ou espaço. Ele se refere a uma configuração, a uma organização que agrega significados e orienta a dinâmica das relações sociais.

Sodré entende a "forma" como uma expressão simbólica e cultural que transcende o aspecto físico para se tornar uma articulação de sentidos, valores, relações e práticas sociais. Ela é fortemente associada às manifestações culturais, às dinâmicas de comunicação, aos sistemas de representação e aos modos de vida de determinado grupo social. A análise da "forma" é crucial para compreender a identidade, as relações e os modos de vida de diferentes comunidades e grupos sociais. (Sodré, 2019)

Na Rosalina, existe uma forma específica de se divulgar uma moradia para locação. Não se utiliza plataformas digitais como meio de comunicação. A comunicação acontece internamente, entre os moradores da comunidade. Desta forma, dificulta-se a possibilidade de alugar uma moradia para uma pessoa desconhecida. A locação é quase sempre para o fulano que conhece cirgrano que é meu amigo/conhecido e mora na rua de baixo.

Essa ideia de que se deve conhecer ou ter algum tipo de ligação com a pessoa interessada em alugar tem a ver com estratégias internas de construção da confiança. É necessário ser conhecido por alguém para conseguir algo necessário, como por exemplo a locação de uma moradia. A este aspectos atribui-se o sentimento de comunidade em que existe uma coletividade que atua sob o real, o cotidiano. As formas de alugar e de morar são regidas por esses aspectos. Ou seja, ao morar em determinada rua da comunidade, tem-se um contrato de sociabilidade que materialmente pode ser observado nas estruturas das ruas: as casa são próximas umas das outras de forma que portão e muro alto com câmeras de segurança não são possíveis dentro da arquitetura do bairro negro.

Existe dentro da comunidade Rosalina uma dinâmica análoga ao processo diaspórico, que chamaremos aqui de *diáspora interna permanente* que explica as locações e as compras de vendas de moradias. É comum observar moradores que mudam-se de residências constantemente dentro da própria comunidade. Outro fato importante é a compra e venda. Vendem-se suas moradias para viver de aluguel no mesmo lugar que comprou. E quando muda-se para outro bairro, retorna logo depois de um tempo. Existem inúmeros moradores dentro da Rosalina hoje que experienciaram um desses fatores.

Explica-se que a mudança constante decorre de buscar melhorias econômicas e estruturais: eu mudo muito porque sempre encontro uma casa melhor, menos distiorada³ e

³ Buscou-se preservar a forma de falar dos moradores. Distiorada, portanto, significa deteriorada.

mais barata. Afirmou ser uma das moradoras da Rosalina desde 1998. Essa *diáspora interna permanente* está relacionada à ligação afetiva do morador com o bairro. Quando perguntado por que, após 8 mudanças de moradia dentro da comunidade, a moradora não muda-se para uma moradia em outro bairro, a resposta é categórica: *pra quê vou sair daqui?*⁴ A mudança de moradia, por vezes, acontece na própria rua, de uma moradia para outra. A comunidade é o centro do lugar onde essa população gostaria de estar.

O termo diáspora, historicamente está relacionado a processos de discriminação e migração forçada de povos ou etnias em momentos de conflitos ao longo dos séculos. Em uma escala menor, ao investigar e interpretar a realidade local da comunidade Rosalina, observa-se que são muitos os motivos que impulsionam as mudanças de moradia dentro da comunidade. Conflitos entre vizinhos, rua excessivamente movimentada com festas e barulhos de som automotivo, excesso de conflitos sociais nas proximidades da residência, alagamentos durante períodos chuvosos, alto preço do aluguel, condição instável da estrutura da moradia, ausência de água e energia elétrica de forma repentina, possibilidade de economizar com oportunidades de aluguel com menor custo.

Todos esses aspectos foram apontados pelo grupo de 8 pessoas entrevistadas na comunidade ao longo do ano de 2023 e 2024 e revelam uma complexidade de motivações que levam o morador a mudar-se de moradia. Porém, qual o motivo de essa dinâmica permanecer internamente? Por quê não mudar-se para outra moradia em outro bairro? Quando questionados, os moradores apresentam semblante de espanto, como se nunca tivessem pensado nessa possibilidade e em seguida respondem: *pra quê vou sair daqui?* Como se não houvesse motivo real para mudança de bairro. Esse fator pode ser explicado por meio do sentimento de comunidade e a afetividade da população entrevistada e o bairro negro, “sinônimo de afetividade, pertencimento e vivências cotidianas, forjado por um conteúdo geo-histórico cuja apreensão pode desvelar a realidade, no intuito de entender como determinado espaço foi construído” (Silva e Cunha Jr., 2019, p. 212).

⁴ Entrevista realizada com uma moradora da comunidade em out., 2023.

Forma de morar: como se ocupa

Essas próximas duas reflexões acerca da forma que se ocupa e a forma que se aluga dentro da comunidade Rosalina serão expostas em tom de narrativa dos percursos urbanos realizados ao longo da pesquisa e busca ressaltar os aspectos das afrodescendências dentro dos processos de ocupação e locação. O objetivo de ressaltar esses aspectos justifica-se pelo fato de buscar empreender uma análise de base africana de parte da realidade de bairros negros, rechaçando a análise opaca a partir do binômio capital/trabalho que por vezes resalta a ideia de *favela* como lugar de moradia de *pessoas pobres* que vivem em um contexto de *carências* e que o fator fundamental para driblar essas imposições é o *dinheiro*. Busca-se, portanto, analisar aqui sob o aspecto da cultura, da educação, das filosofias, da história, da sociabilidade, do capitalismo racista, do urbanismo e dos aspectos das africanidades.

Na concepção dos moradores da Rosalina, ocupar um terreno vazio significa materializar o sonho de uma moradia. Essa é a concepção de um dos moradores presente na ocupação de 7 de Julho de 1996 da comunidade, que envolveu cerca de 1.500 famílias. As ocupações transformaram-se em lotes distribuídos entre os ocupantes. Nesses lotes construíram-se habitações de 16 m², inicialmente construídas com estrutura de lona e madeira, para que após alguns meses se transformassem em moradias de madeira ou pau-à-pique.

A comunidade Rosalina é um bairro negro que encontra-se nos limites do bairro Parque Dois irmãos e Passaré. Rosalina faz fronteira com outros bairros, tais como: Tupã-Mirim e Conjunto Itaperi. No mapa abaixo, a região sublinhada nº 03 é apontada por parte de antigos moradores como o local de fundação da comunidade sem terra⁵, no ano de 1996. A região nº 04 abrange o terreno de intervenção da Prefeitura para construção do Conjunto Habitacional.

⁵ Comunidade Sem Terra era o nome dado à Rosalina até o ano de 1997.

Figura 5 - Vista de cima da comunidade Rosalina dividida em regiões.

Fonte: Google Earth, 2020.

Já a região nº 02 refere-se às residências construídas na expansão da comunidade surgida na região nº 01 que encontra-se no entorno do campo do Palito (presente nas narrativas dos moradores mais antigos como campo do Palito, que veio a tornar-se campo de futebol por volta de 1997). A região nº 01 foi ocupada por volta do ano de 1992, sendo construído barracos de madeira⁶. Percebemos nas narrativas dos moradores, um distanciamento geográfico e temporal sobre onde e quando aconteceu a primeira ocupação que veio dar origem à comunidade Rosalina. A narrativa que defende o ano de 1996 refere-se a um fato histórico: a chegada de um líder comunitário chamado Carlão, ex-morador do bairro da Serrinha.

Já os moradores que defendem o surgimento da comunidade em 1992⁷, apontam serem os responsáveis pela primeira ocupação e que Carlão se estabeleceu anos depois. As ocupações iniciadas em 1992 aconteceram lentamente. As famílias chegavam, dividiam um espaço e construíam suas moradias onde hoje conhecemos como Rua Matadouro. Abaixo, podemos observar uma fotografia da Prefeitura de Fortaleza datada de 1995, onde podemos

⁶ Ainda hoje é possível encontrarmos na comunidade Rosalina barracos de madeira. Estes são, em sua maioria, antigos e abrigam novos moradores. O preço médio de um barraco de madeira na comunidade é de R\$ 2 mil reais e tem cerca de 16m².

⁷ Baiano, é como prefere ser chamado um morador da comunidade Rosalina, que afirma ter levantado seu primeiro barraco nas imediações próximas do campo do Palito (região nº 01), por volta de 1992.

ver as primeiras moradias no entorno do que futuramente se tornaria o campo do Palito (Fortaleza, 2020).

Figura 6 - Vista do terreno já ocupado em 1995



Fonte: Prefeitura de Fortaleza (2008).

Observem que as setas apontam para residências na Rua Matadouro já no ano de 1995. Observem também que a maior concentração de moradias está próxima do espaço onde se tornou o campo do Palito. A fotografia endossa relatos de um diálogo com uma doutoranda e ex-moradora da comunidade Riacho Doce que afirma “por volta de 1992 já terem moradores na Rosalina, pois quando ia para o centro da cidade, passava pelo campo e via moradores no seu entorno”.⁸

Em 1996 aconteceu o maior volume de ocupações simultâneas na comunidade. Após 18 meses de reuniões constantes na comunidade, cerca de 1500 famílias, sob a liderança de José Carlos Rodrigues, conhecido como Carlão, ocuparam a Rosalina no dia 07 de Julho de 1996. No local onde aconteceu o maior fluxo de ocupações hoje existe uma rua chamada 7 de Julho.

⁸ Diálogo realizado em Abril de 2018, após aula na pós-graduação da UFC com o prof. Henrique Cunha Junior.

Ali perto, se concentrou o primeiro espaço da Associação Comunitária. Abaixo vemos um serviço de assistentes sociais oferecido à comunidade Rosalina. É possível notar que grande parte do espaço não está habitado por moradias.

Figura 7 - Tenda montada pela associação para atendimento de serviço social, s/d.



Fonte: Associação Comunitária da Rosalina. Liderança Santos e Isabel.

Encontramos em sua gênese, a construção coletiva e a solidariedade entre os moradores, marcas profundas que estão enraizadas no cotidiano da comunidade. A forma como se ocupa a comunidade Rosalina revela como os afrodescendentes se instalam nos espaços criando bairros distintos dos demais bairros em que a cultura negra não se faz mais presente. Os moradores que fizeram parte da ocupação liderada por Carlão, afirmam ter realizado a divisão coletiva do espaço em lotes construídos em estrutura de madeira e lona. A alimentação era realizada de forma coletiva. Abaixo vemos o registro de pessoas construindo uma moradia com técnicas de pau-à-pique.

Figura 8 - moradores construindo suas moradias coletivamente.



Fonte: Arquivo da Associação Comunitária Rosalina, s/d.

Nos primeiros anos do século XXI era comum ver novos⁹ moradores na comunidade. Diariamente novas pessoas foram adquirindo lotes por meio de compra. O preço médio de uma moradia até julho de 2003 era de 500 reais para casas na região próxima a rua Matadouro.¹⁰ À época, famílias realizaram pesquisa de preços das moradias para estabelecer o valor de venda da sua própria residência. Após o ano de 2005, o território da Comunidade passou a ser um espaço de disputa entre os novos moradores e a prefeitura de Fortaleza.

Forma de morar: como se aluga

No Brasil, a participação do valor do aluguel no orçamento das famílias com baixo rendimento é superior em relação às famílias com alto rendimento (Kilsztajna, 2009). Isso implica no fato de que o rendimento mensal básico de uma família residente na comunidade

⁹ Cheguei a ensinar vários novos amigos de sala de aula o caminho da EMEIF Manuel Lima Soares, escola que atendia parte do grupo estudantil da comunidade, localizada no bairro parque Dois Irmãos.

¹⁰ Dentro da comunidade Rosalina, tem a região conhecida como “Aldeota da Rosalina” e os esquecidos. A região da “Aldeota da Rosalina” é composta pelas moradias próximas à Rua 101, conhecida como “a parte de cima”. Já os esquecidos são os moradores próximos à rua matadouro, conhecida como “a parte de baixo” da comunidade. O território que abrange a comunidade Rosalina apresenta um declive entre as citadas ruas, que faz escoar todos os resíduos sólidos em dias chuvosos, causando grandes problemas estruturais nas moradias próximas à Rua Matadouro.

Rosalina é de 1 salário mínimo¹¹ como rendimento bruto e cerca de R\$ 1.050,00 reais como rendimento líquido. O valor médio do aluguel na comunidade Rosalina é de¹² cerca de 1/3 da média salarial do morador da comunidade. Isso significa dizer que a alta taxa de aluguel imposta pelos proprietários das residências é proporcional a supervalorização do território do entorno da comunidade. Um aluguel que antes custava 15 por cento do valor médio dos rendimentos de uma família da comunidade, atualmente custa cerca de 25 a 35 por cento.

Com isso, após o pagamento do aluguel restam cerca de 750 reais para subsidiar seus gastos com alimentação, saúde, transporte, vestimenta e lazer. Dando igual importância às áreas apontadas como gastos básicos, um morador da comunidade destinaria cerca de 150 reais para cada área apontada, valor insuficiente para subsidiar a alimentação mensal de um núcleo familiar composto por 1 adulto e 2 crianças, por exemplo.

Os percursos urbanos realizados entre os anos de 2021 e 2024, mostraram que são poucas as variações nas formas de aluguel de moradias na Rosalina. Em linhas gerais, os contratos de aluguel são elaborados e assinados com a palavra do locatário e locador (Magalhães *et al*, 2013). Um acordo verbal entre ambas as partes, onde é acordado valor do aluguel, vigência do contrato verbal, data do pagamento do aluguel.

A vigência do contrato de aluguel é por tempo indeterminado e ambas as partes podem quebrar o contrato a qualquer momento sem qualquer ônus. Há também contratos de aluguel com cláusulas e tempo mínimo de 6 meses de vigência de contrato, podendo ser renovado, caso seja de interesse de ambas as partes. Esses, mesmo por escrito, não necessitam de reconhecimento de assinaturas em cartório.

Durante a locação do imóvel, o morador aprende que todos os reparos necessários na residência são de responsabilidade do morador. Por exemplo, o fornecimento de energia elétrica é conhecido como *gambiarra*, uma estrutura física não regulamentada pelo órgão responsável pelo fornecimento de energia elétrica na cidade. As gambiarras costumam apresentar defeitos sobretudo em períodos de chuva. Os ventos fortes desfazem a estrutura montada cortando o fornecimento de energia para a residência.

¹¹ O salário mínimo durante a pesquisa era de R\$ 1212,00, referente ao ano de 2022 e R\$ 1.100,00 reais, referente ao ano de 2021. O valor médio é de acordo com a profissão que a grande maioria alegou desempenhar na empresa que trabalha: serviços gerais.

¹² As moradias para locação com menor valor custam 300 reais por mês. E com maior valor custam 600 reais por mês.

Desta forma, é necessário fazer o reparo na energia elétrica da moradia alugada. O valor é de responsabilidade dos moradores afetados. O mesmo vale para o fornecimento de água, caso algum cano venha a romper e o fornecimento de água seja interrompido, o morador junta-se com os demais moradores afetados e faz o reparo. A água e a energia elétrica são fatores socializadores dentro da Rosalina.

Figura 9 - Morador da comunidade realizando reparo de um cano exposto em frente a sua residência, após ter afetado o abastecimento de água dos vizinhos (fev., 2022).



Fonte: arquivo pessoal

O fator que mais determina o valor do aluguel, conforme observado nos percursos urbanos é certamente a posição geográfica da moradia¹³. Quanto mais próximo da rua 101, mais caro é o aluguel. Além deste, alguns outros fatores incidem sobre o preço da locação, tais como: se a construção é de alvenaria, madeira ou pau-à-pique, quantos quartos têm, se a residência dispõe de banheiro com vaso sanitário, quintal e fornecimento de água e energia gratuita. Nessas condições, os aluguéis custam entre 250 e 400 reais.¹⁴ Para os aluguéis de

¹³ A figura 12 da página 59 mostra um mapa que pode ilustrar essas regiões da comunidade.

¹⁴ No caso de a residência situar-se na região nº 01 e nº 02, da figura 12.

valor entre 400 e 600, é possível encontrar moradias próximas à Rua 101, localizadas no entorno da comunidade. Residências na rua 101, 7 de Julho, Thomaz Coelho e na região conhecida como “casas novas” custam não menos que R\$ 400 reais.¹⁵

Em diálogo com um dos moradores da comunidade e que é conhecido por ter um conjunto de oito casas para locação, foi perguntado o que motivou o acúmulo de moradias para locação. O morador afirma que ao longo do tempo foi surgindo a oportunidade de comprar moradias a baixos custos: “essa casa aqui da frente eu comprei porque a dona tinha que tirar o filho dela da cadeia e queria pagar um advogado. Então eu comprei a um preço baixo e depois aluguei para ela. Com o tempo, ela foi embora e ficou só o filho aqui” (Entrevistado em dezembro de 2023). A maioria das residências adquiridas pelo morador entrevistado foram conquistadas sob aspectos semelhantes ao exemplo relatado.

Outro dono de moradias dentro da comunidade, relata algo semelhante em relação ao processo de compra das cerca de 30 moradias que têm em sua posse. A questão da crise financeira e as adversidades enfrentadas nas contradições da vida em condições adversas levaram moradores a vender suas moradias a baixo custo para conseguir escapar daquela situação financeira imposta. Contudo, revela-se entre os donos e moradias que por vezes os ex-donos retornam para se tornar inquilino das suas antigas moradias.

As mudanças de moradia dentro da comunidade é muito comum aos moradores que necessitam pagar aluguel. Uma das moradoras que foi encontrada recentemente ao longo dos percursos urbanos já havia mudado de moradia seis vezes somente durante o período da pesquisa, entre 2021 e 2023. É uma forma de *diáspora interna permanente* dentro do mesmo território, ao passo que demonstra um alto nível de adaptabilidade. É, em certa medida, uma constante reconstrução da vida a partir de um novo lugar, dentro da própria realidade. Essa característica é reflexo na vida da maioria dos moradores. Por vezes, o mote principal da mudança gira em torno da busca por uma estrutura melhor na residência ou por um preço de aluguel menor.

¹⁵ Região nº 03 e nº 04, da figura 12.

E esses fatos refletem também nos contratos, que têm tempo médio de 6 meses de duração¹⁶, não são respeitados por nenhuma das partes e são elaborados apenas para “formalizar” os termos, ainda que as assinaturas não sejam reconhecidas em cartório. Moradias que solicitam uma série de formalidades para que seja feita a ocupação por um inquilino sentem dificuldades de alugar o imóvel. “O dono dessa casa vizinha sente muita dificuldade de alugar ela, pois quando descobrem o tamanho da burocracia para alugar, o povo desiste,” disse um morador da comunidade Rosalina desde 1997. A Associação de Moradores da Comunidade Rosalina tem parceria com advogados que buscam dar apoio jurídico aos moradores, contudo, a presidenta da Associação conta que ainda é um desafio garantir as escrituras necessárias para regularização do terreno junto aos órgãos competentes.

Os mecanismos burocráticos que asseguram uma série de direitos para o inquilino e o locador previstos na legislação são barreiras que dificultam a locação de imóveis na comunidade Rosalina (Magalhães *et al*, 2013). Os novos moradores optam por maior flexibilidade e praticidade ao alugar uma moradia. Observa-se que famílias que passam a se estabelecer na comunidade por meio de moradias de aluguel, optam pela locação na comunidade devido a dois fatores: preço do aluguel e facilidade na locação.

CONCLUSÃO

Esse trabalho buscou abordar a importância da moradia para a população afrodescendente, destacando que a moradia não é apenas um local onde a vida privada acontece, mas um patrimônio cultural valioso para essa comunidade. O privado e o público confundem-se e essa dinâmica tem a ver com as formas de vida coletiva da população negra na comunidade Rosalina, que toma forma de patrimônio ao passo que imprime a coletividade no seu processo de construção. A conquista é coletiva, os avanços são coletivos. O patrimônio é avesso ao individualismo.

Para a população afrodescendente, a moradia vai além de um simples espaço para viver. Ela é considerada um patrimônio que engloba aspectos materiais e imateriais

¹⁶ As mudanças de moradia dentro da comunidade é muito comum aos moradores que necessitam pagar aluguel. Uma das moradoras que encontrei recentemente ao longo dos meus percursos urbanos já havia mudado de moradia cinco vezes somente durante o período da pesquisa, entre 2021 e 2023.

carregados de significado, valores e conexão com a memória, história e cultura da população negra. A Rosalina como Patrimônio cultural negro, remete a elementos culturais, sejam eles tangíveis (como arte, arquitetura, objetos) ou intangíveis (tradições, música, crenças, narrativas históricas), que têm significados especiais e são atribuídos pela própria população afrodescendente à sua herança cultural.

Buscou-se destacar que o contexto vivenciado pela população é marcado pelo racismo antinegro e pela segregação social e espacial. Isso implica que as dinâmicas de moradia e aluguel no bairro da Rosalina refletem aspectos específicos da experiência da população afrodescendente no próprio bairro. É necessário que se tenha ligações com os proprietários ou com o bairro: você conhece fulano? é meu amigo. Esse fator impõe que a moradia e o aluguel são experiências coletivas nos meandros do cotidiano da Rosalina. Ou seja, a maneira como as pessoas habitam e lidam com questões de aluguel e moradia é compartilhada por todos na comunidade, e não apenas uma questão individual. O intermediário no processo locatário é a própria comunidade.

Portanto, buscou-se destacar a importância cultural da moradia, mostrando como ela está intrinsecamente ligada à herança, história e memória da população afrodescendente, e como as questões de habitação são vivenciadas coletivamente dentro de um contexto de discriminação racial e segregação social. As formas de morar, ocupar e alugar, remetem à ancestralidade da negra, é circular e coletiva.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. Companhia das letras, 2000.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Geografia, cartografia e o Brasil africano: algumas representações. **Revista do Departamento de Geografia**, v. esp., p. 332-335, 2014.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Territórios étnicos: espaço dos quilombos no Brasil. In: SANTOS, Renato Emerson dos (org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O negro na Geografia do Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009. 203 p. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

BARBOSA, Ana Larisse Santos; DAVIES, Frank Andrew; SANTOS, Guilherme Marcondes dos. Bairro negro, quilombo urbano: reflexões sobre a formação das cidades a partir do Conjunto Jardim União, Fortaleza. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 30 v. 2, 2022.

CROCE, Marcus Antônio. A economia do Brasil no século XIX. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA**. 2015.

CUNHA Jr., Henrique. Africanidades, Afrodescendência e Educação. **Revista Educação em Debate**, Ano 23, V. 2 - nº. 42, Fortaleza: FAGED/UFC, 2001. p. 05-15.

CUNHA Jr., Henrique. Espaço Urbano e Afrodescendência. In: CUNHA Jr., Henrique e RAMOS Maria Estela Rocha. (org.) **Espaço Urbano e afrodescendência: Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas**. Fortaleza: UFC Edições, 2007.

CUNHA Jr., Henrique. Bairros negros e cidades negras: conceitos necessários para a inclusão das populações negras nas histórias das cidades brasileiras. **Revista Campo da História**, v. 8, n. 1, p. 273-286, 2023.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros Negros e Cidades Negras: conceitos necessários para a inclusão das populações negras nas Histórias das cidades brasileiras. *Revista Campo da História*, v. 8, p. 273-286, 2023.

DAMIÃO, Flávia de Jesus. **Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do Retiro**. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.

DIOP, Cheikh Anta. Los tres pilares de la identidad cultural. In: **El correo de la Unesco: Una ventana abierta al mundo**. París: UNESCO, nº 35: 58. 1982.

FORTALEZA. **Urbanismo e Meio Ambiente**: cartografias. 2020. Disponível online em: <https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/infocidade/498-cartografias> acesso em: 19 maio 2021.

FORTALEZA. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza - HABITAFOR**, 2008. Disponível online em: <https://habitacao.fortaleza.ce.gov.br/> Acesso em: 18 maio 2022.

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2005.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Fortaleza na visão dos idosos: onde o público e o privado se entrecruzam. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 1, p. 7-21, 2002.

KILSZTAJNA, Samuel *et al.* Aluguel e rendimento domiciliar no Brasil. **Rev. econ. contemp.** [online]. 2009, vol.13, n.1, p.113-134. ISSN 1980-5527.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Descolonização e Educação**. Editora CRV. 2013. página 28.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Abebe**: a criação de novos valores na educação. Salvador. Edições SECNEB, 2000.

MAGALHÃES, A. et al. O mercado imobiliário de aluguéis em favelas do Rio de Janeiro: informalidades ou outras formas de formalidade. ENCONTROS NACIONAIS DA ANPUR. Anais. Disponível em: <http://unuhostedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4529>, 2013.

MACHADO, B. A. Segregação Socioespacial: A Influência da Questão Étnico-Racial na Configuração das Cidades. In: **Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 11, 2023, São Luis MA. Reificação Capitalista e Emancipação Humana como Necessidade Histórica: Formação da Consciência de Classe na luta de hegemonias. São Luís MA: UFMA, 2023. v. XI. p. 1-16.

MATIAS, Emanuela Ferreira. **Deus Criou o Mundo e Nós Construimos o Conjunto Palmeiras**: Quilombismo Urbano de Populações Afrodescendentes em Fortaleza- Ceará. 2019. 127f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza(CE), 2019.

MIAGUSKO, Edson. Mutirão autogestionário e o contexto da experiência democrática revisitado. **Caderno CRH**, v. 24, p. 167-181, 2011.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**: quilombos, insurreições, guerrilhas. 5ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi / Fundação Maurício Graboys, 2014.

MUNANGA, Kabengele; Território e territorialidade como fatores constitutivos das identidades comunitárias no Brasil: caso das comunidades quilombolas. In: NOGUEIRA, João Carlos; NASCIMENTO, Tânia Tomázia do (org.). **Patrimônio Cultural**: Territórios e identidades. Florianópolis: Atilênde, 2012, p. 15-21.

SILVA, Keilla Ingrid; NETO, João da Cruz Gonçalves. A formação da propriedade fundiária no Brasil: a lei de terras de 1850. **THEMIS: Revista da Esmec**, v. 17, n. 2, p. 173-195, 2019.

OMETTO, Ana Maria H.; FURTUOSO, Maria Cristina O.; SILVA, Marina Vieira da. Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população. **Revista de Saúde Pública**, v. 29, p. 403-414, 1995.

PARENTE, Karlos Markes Nunes. **Espaços Públicos e Privados de lazer e turismo na orla oeste de Fortaleza**: Embates políticos e contradições socioespaciais. 2012. Dissertação [Mestrado] - Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-graduação em Geografia, Fortaleza(CE), 2012.

QUEIROZ, E. G. ; CUNHA JUNIOR, H. . Terreiro de Candomblé en el barrio de Jabaquara en la ciudad de São Paulo - La dificultad de imprimir la marca africana en la ciudad. V. I, p. 1-300, 2022.

QUEIROZ, Eunice Gonçalves Queiroz. **Orixás** - Introdução Explicativa sobre Design, Arquitetura e Urbanismo e Artes no Terreiro Axé Ilê Obá em São Paulo - Capital. 2023. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

QUERINO, Manuel. O colono preto como fator da civilização brasileira. **CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA**, 6º, 1918, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro, 1918.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros: Uma lacuna nos estudos urbanísticos** - Um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia). Tese (Doutorado), Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 2013.

ROLNIK, Raquel. Moradia é mais que um objeto físico de quatro paredes. São Paulo. (Entrevista). **Revista E-metropolis**, nº 05, ano 2, junho de 2011.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. **GEOgraphia**, 1(1), pp. 7-13, 1999 <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13360>.

SILVA, Renata Aquino da. **Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2018. 155f.

SOUZA, Tiago; CUNHA JUNIOR, H. Comunidade Rosalina: um território de maioria afrodescendente na cidade de Fortaleza - CE. In: CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira; et al (org.). **Bairros negros cidades negras**. 1ed. Fortaleza: Via Dourada, 2019, v. 1, p. 137-166.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Mauad Editora Ltda, 2019.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **"Catirina, minha nêga, tão querendo te vendê..."**: escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850-1881). Fortaleza: SECULT/CE, 2011, v. 1, 332p.

SOMMER, Michelle Farias. **Territorialidade negra urbana: a morfologia sócio-espacial dos núcleos negros urbanos segundo a herança histórica comum**. Dissertação (Mestrado) em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005. 224f.

SOUZA, Juliana; CUNHA JUNIOR, H. A inscrição de um território negro urbano: introdução a uma pesquisa em Carapicuíba - SP. **Revista África e Africanidades**, v. 12, p. 01-14, 2011.

UEMURA, M. M.; KOHARA, L.; FERRO, M. C. T. **Projeto Moradia é Central** - lutas, desafios e estratégias. São Paulo: Centro Gaspar Garcia, 2012 (Material para Formação de Movimentos de Moradia). Instituto Polis.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, Dança Afrodescendente**: Significando a Identidade Étnica do Negro Amapaense. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, 2005.

Dados de autoria

Tiago Souza de Jesus

Doutorando em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará (2024). Mestre em Educação brasileira na Universidade Federal do Ceará (2023). Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Federal de Goiás - UFG (2018). Bacharel (2016) e licenciado (2017) em História pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Tem experiência em Políticas Públicas, educação e espaços urbanos. Atua principalmente nos seguintes temas: Etnia negra, história e cultura afrodescendente, bairros negros, educação integral e Políticas Públicas. E-mail: tiago.jesus@prof.ce.gov.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4069-1654>

Henrique Cunha Junior

Professor titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), Doutor em Engenharia pelo Instituto Politécnico de Lorraine, França, Mestre em Engenharia e História, Pesquisador sobre as populações negras, história da tecnologia africana e urbanismo africano. Leciona as disciplinas de graduação e Pós-graduação de: História dos Afrodescendentes; Urbanismo Africano; Bairros negros; Ciência tecnologia e Sociedade; Planejamento Energético. Pesquisa urbanismo Africano; Bairros negros; Educação da população negra. E-mail: hcunha@ufc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9664-5545>.